

HOMENAGEM
BALADA LITERÁRIA-PIAUÍ
IN MEMORIAM

A VIDA É UM ÔNIBUS

Miró da Muribeca

ORGANIZAÇÃO

WELLINGTON SOARES

THIAGO E

Mi
RÓ

Balada
LITERÁRIA
2022

LAMPARINA
EDITORIA



A VIDA É UM ÔNIBUS

Miró da Muribeca

ORGANIZAÇÃO

WELLINGTON SOARES

THIAGO E

The logo for Lamparina Editora features the word "LAMPARINA" in a bold, sans-serif font with a small flame icon above the letter "A". Below it, the word "EDITORA" is written in a smaller, all-caps font.
LAMPARINA
EDITORA

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

Primeira edição, Novembro de 2022
Teresina, Piauí

Projeto gráfico: Área de Criação

Ilustrações: Alcides Jr

Revisão: Cláudia Manzollilo

Ficha catalográfica: Fabíola Nunes Brasilino CRB 3/ 1014

V648 A vida é um ônibus : Miró da Muribeca / organização Wellington Soares, Thiago E. -- Teresina : Lamparina Editora, 2022.
49 p.

ISBN 978-65-998812-2-0

Bibliografia.

1. Literatura Brasileira – Poesias. 2. Memória. 3. Homenagem. I. Soares, Wellington. II. E., Thiago.

CDD B869.1

MIRÓ, O FOFOQUEIRO DA RUA

Assunte bem direitinho que este livreto, pra ninguém ter dúvida, é uma declaração de amor a João Flávio Cordeiro da Silva, poeta recifense cujo sonho inicial, acredite, era ser jogador de futebol. O pseudônimo de Miró da Muri-beca, como ficou eternizado nacionalmente, é uma junção inspirada em Mirobaldo, jogador do Santa Cruz, e num bairro periférico da capital pernambucana. Declaração essa feita, bom que se diga, por escritores(as) piauienses que o conheceram pessoalmente ou por meio de poemas. O despertar do fascínio é o mesmo, de paixão à primeira vista, de não querer se apartar dele nunca mais. De tão gostoso era seu abraço físico e através das palavras. Em nosso caso, Miró surgiu em 2012, em perfor-

mance impactante, soltando o verbo sem piedade, na Livraria da Vila, contra as injustiças sociais e os desatinos do mundo. Ali nascia entre nós, naquele instante, sem precisar dizer nada, uma amizade e admiração pra sempre. Em abril de 2017, ele veio a Teresina, a nosso convite, participar do Café Literário, sarau poético que reúne, mensalmente, os artistas locais. A noitada não poderia ter sido melhor, com Miró feliz da vida e recitando versos desaforados, num lirismo pungente. Chamado em julho deste ano, pela Indesejada das gentes, Miró resolveu descer do ônibus a fim de encontrar uma velha trupe de amigos: Bandeira, Cabral, Drummond e, junto com eles, continuar “escrevendo besteiras”. Como um autêntico, segundo sua mãe, fofoqueiro da rua. Ou do céu, agora?

Wellington Soares
Thiago E

SUMÁRIO

ADRIANO LOBÃO ARAGÃO	10
RENATA FLÁVIA	11
SAMÁRIA ANDRADE	13
JOÃO HENRIQUE VIEIRA	15
FELICIANO BEZERRA	17
DUDU GALISA	19
SÉRGIA A	20
THIAGO E	21
NATHAN SOUSA	23
SALGADO MARANHÃO	26
FERNANDA PAZ	25
MARLEIDE LINS	27
ÉLIO FERREIRA	31
WELLINGTON SOARES	33





MIRÓ ATÉ

Miró até agora
Santo de rua
Da Muribeca
De passos e praças
De versos desarma
As amarras do tempo

Miró até então
Firme quando trôpego
Lírico quando crítico
Seu dribble de menino
Resiste na poesia
Campo de eterna travessia
Miró até além

ADRIANO LOBÃO ARAGÃO

RECIFE À NOITE

Miró veio à Teresina
Eu não fui vê-lo
Ainda bem
Por que a primeira vez que vi Miró
eu descia as ruas do bairro Recife à noite
sem nada nas mãos
Um grito
no meio de uma pequena multidão silenciosa
me fez parar
me fez ficar
Na impossibilidade de me mover dali
paralisei na porta vendo um corpo revirar
Atropelando em verso a mesa dos bares
golpes e golpes
de realidade em movimentos ancestrais
ali entre aplausos de conhecidos
no seu profundo habitat
caí
E assim
eu não fui ver Miró
eu entendi.

RENATA FLÁVIA

HOMEM-BERRO

O homem negro abre a porta da livraria aos
berros.

Arrasta uma mala.

Entra. Entra e berra.

Meio assanhado. Meio assustado.

As vezes meio sorria, parecendo um menino.

As vezes meio babava, parecendo um maluco.

Joga a mala no centro do espanto de todos.

Era livro o que trazia na mala.

Era poesia o que berrava.

E a poesia-berro,

Empunhada,

Atravessou a todos.

Era berro,

O homem negro.

Era negro,

O homem berro.

Era poesia,
O homem negro-berro.

[aquele que berrar poesia é o homem,
mesmo que seja o negro].

*Em memória da presença inesquecível de Miró da Muribeca
que, com sua mala, entrou na Livraria Anchieta, em Teresina,
no Café Literário da revista Revestrés, em 12 de abril de 2017,
para nunca mais sair de nossas memórias.*

SAMÁRIA ANDRADE

DE UM ENCONTRO ENCANTO COM MIRÓ

Toda margem tem um regaço de serenidade e o reboiço uma ressaca cretina. Das desventuras sobra um verso que muitas vezes pouco importa, mas salva o dia. Salve! Encontrei o Miró pela primeira e única vez num lançamento, em uma livraria em Teresina, muito limpa e iluminada. Ficamos conversando do lado de fora, sentados na calçada, no precipício da sarjeta. Parecia ter muita luz e pessoas bem vestidas lá dentro. Bebemos lá fora, fumando, sorrindo e falando freneticamente sobre arte, pirações, poesia e caretices – dos outros. A nossa é sempre uma vibe. Depois alguém me disse que ele não podia beber, por problemas tais, mas o estrago já estava feito, ou melhor, a poesia já estava feita, a poesia acordando monstros, fantasmas e heróis. Um herói marginal sempre brinda sorrindo, ainda que à beira do penhasco, antes de poetar.

Dele ficou um bonito livro, Miró até agora, e uma dedicatória com a intimidade dos poetas que bebem na calçada longe do excesso de luz e asseio de uma livraria – lugares ótimos para livros, nem tanto para poetas –, “para meu ossos amáveis”. Uma forma malandra e poética de me chamar de magrelo, eu gostei. Bebemos, entramos, deixamos a poesia se apresentar e conversamos com as pessoas com a conveniência de quem guarda um palavrão. Tem noites que são bonitas, principalmente quando você bebe à margem, fumando um cigarro e conhecendo um poeta do tamanho de Miró. Daqui até aí, um abraço meu caro!

JOÃO HENRIQUE VIEIRA

A MIRAGEM DE MIRÓ

Conheci o poeta Miró em São Paulo, quando eu lá morava, e creio que ele também, no início dos anos 2000. Uma de minhas rotinas semanais era frequentar, aos sábados, a feirinha da praça Benedito Calixto, um espaço buliçoso de atividades mercantis e culturais. Lá chegando, certo sábado, vi aquele ser negro, eletrizado, com seu curioso chapeuzinho de palha em formato de coroa de abacaxi, em performance poética num espaço da praça. Imediatamente fui atraído pelo modo como os poemas eram oralizados e pelos próprios poemas, que mostravam carga lírica surpreendente, coloquial, curta, direta e desconcertante em seus significados. “merece um tiro quem inventou a bala”, pronunciava o poeta, com o olhar, ao mesmo tempo, irônico e desafiador. E assim permaneceu em sua récita feérica, despejando versos alucinados e alucinantes, cheios de plataformas questionadoras das assimetrias sociais, raciais e humanas.

Logo provoquei uma aproximação, queria saber quem era e de onde vinha tanta potência verbal. A cerveja já circulava e fui sabendo de quem se tratava, o pernambucano não parava de falar, tudo com percepções irônicas e carregadas de humor provocativo. Quando falei que era professor, com carreira acadêmica e tal, saiu-se com uma cacetada sobre elitismo intelectual e acadêmico. Compreendi a legitimidade da queixa, afinal, partia de uma voz corajosa em se manter num campo de resistência, à margem, articulador de discursos das bordas, e que não se aliava às hegemonias correntes. Talvez seja disso que também precisemos, quando formos pensar em engajamento e intervenção cultural, em atuar em práticas de disseminação da cultura literária brasileira. É o que a miragem poética de Miró me diz, essa voz, esse lirismo contundente, que agora me ressoa dos umbrais da memória.

FELICIANO BEZERRA

Em abril de 2017, no Café Literário, na Livraria Anchieta, palco das grandes manifestações literárias de Teresina, organizado pelo professor e escritor Wellington Soares, tive a honra e o privilégio de assistir a uma das melhores expressões performáticas e poéticas que já vi nesse mundo dos versos mágicos, que é a exteriorização da poesia, na pessoa do grande e saudoso bardo pernambucano, de Recife, Miró da Muribeca, que a todos nos envolveu com a maestria de sua récita cativante. Sua poesia não se restringia em palavras impressas no papel, mas dele se desprendia viva e incorporava sobretudo em seu corpo como pura linguagem corporal de sua língua cantante, do tom vibrante de sua voz aguda e compassada, modulada e transviada, ora bemol, ora sustenido, ora sufragando e pranteando suas orações aos mortos e seu canto insurgente aos vivos,

como Zaratustra ao apregoar a existência antagônica do bem e do mal ao povo que o cercava, portanto Miró, com suas mãos erguidas aos céus, transmutava em canto sua ode entusiástica ao firmamento, à noite estrelada e à lua crescente de fascinação por seus límpidos versos líricos e, por meio deles, o bardo irrequieto trazia as dores do mundo, as vozes dissonantes de seu povo, as queixas das diferentes mazelas proporcionadas pelos velhos tiranos, mas trazia à finitude a beleza etérea, a vivacidade das ondas cíclicas e as cores vivas das estações.

DUDU GALISA

RUAS ACESAS

folhas soltas de um poema livre chegam até
mim. um título em risco de pincel. as ruas
rastejam e voam. nas pontes, vendem-se como
chamas. indo. vindo.

nas ruas

pedestres, carros e cães. transeuntes
invisíveis compõem cantos. carregam
segredos dos dias, noites e bêbadas
madrugadas. preenchem linhas. versos como
perdão de um deus ressacado depois do
carnaval.

a espalhar
candeeiros acesos
sobre gente sem luz.

SÉRGIA A

54 QUILOS E VÁRIOS AMORES QUE VIERAM

quando seu nome foi anunciado na balada literária em são paulo, seus braços e pernas eram janela de ônibus, mulher lavrando a terra, seus dentes um coração apagado, talvez a solidão de deus com dúvida – se a boca expressava menos que o olho, o rosto pronunciava as palavras, como a letra na canção é desejo de melodia para ganhar força – sua voz, seu poema, sua crônica: matéria inesquecível, pois só ditos nas articulações do próprio corpo; ali em sua pele, em carne e osso, deu-se assim a primeira vez que li miró da muribeca, de recife. bem, a primeira vez, e para sempre.

THIAGO E

PINCÉIS VELHOS

À memória de Miró da Muribeca

no centro da cidade esquecida,
sou um rosto distraído, uma sombra
mirrada, raio de luz ao meio-dia,
boca que balbucia carne, feijão,
amor, adeus.

eu sou um cão sobre duas rodas,
cantando por si e pelos seus.

sou um quadro de Miró
(sou Muribeca)
nos fundos de uma
pinacoteca.

sou uma ave milenar,
sem lenço e sem laço,
sorrindo no espaço.

sem grana e sem nome,
sem verbo e pronome,
sem hora marcada.

um pintor tardio,
manchando de afeto
a vida manchada.

NATHAN SOUSA

IMATERIAL

*“As pessoas estão passando para mais uma segunda-feira
Eu, sentado no banco da praça
Ainda sou domingo.”
Miró da Muribeca*

Nós, meros traseuntes da praça-vida, em
nossos pequenos e individuais universos de
cada segunda-feira.

Carregados e carregando o fardo movimentar
por mais um dia as engrenagens. Enquanto
a poesia está sentada ali na mesma praça,
em um tempo que é um presente além do
equilíbrio das horas.

Tempo que circula. Cirandeiro.

Quem para e conversa com ela (a poesia),
também a vive e a espalha como um sopro de
encantamento ao mundo.

Sorte de quem sentiu a brisa do sopro-Miró
tocar a pele do rosto de perto, bagunçar os
cabelos e sentidos, aguçar sentidos.

Corpo

Rua

Grito

Dança de versos

Imaterial

Marginal

Depois de tanto nadar, é possível que eles
ainda não saibam (nem sonhem)
que a margem é um lugar de chegada.

FERNANDA PAZ

RONDÓ

Adeus, Miró!

Falo em nome dos arrecifes
que nomeiam tua cidade; dos sonâmbulos
casarios; das memórias suplicantes.
Falo em nome do rio sem plumas.

Adeus, Miró!

Teus versos seguem a zoar
nos becos dos desvalidos: nas cantilenas
anônimas; nas almas mumificadas.

Dá lembranças aos velhos bardos; ao Bandeira
que nos gerou; ao Cabral que nos decanta.

Adeus, Miró! (irmão de sonho e palavras)!
Ainda estamos aqui a rubricar
os teus rastros

Enquanto o imponderável nos recusa.

SALGADO MARANHÃO

UM DIÁLOGO COM MIRÓ

Nesta terra
o nosso, o teu
"o meu coração
de meio século"
cansados de guerra
ainda bombeiam a orta
- vital artéria -
q ramifica a horta
da nova era

MARLEIDE LINS

POEMA PARA MIRÓ DA MURIBECA

Miró
meu irmão da Muribeca
até agora
a poesia continua para “adiar o fim do mundo”
graças a Olorum
a esperança regressou ao Brasil no dia 30 de
outubro último

Miró
meu irmão da cada da poesia
agora as almas da gente negra tomam banho de
rio
e banho de mar
agora já se ouvem os pássaros nas manhãs
como antes se ouviram nos dias de sol ou chuva

Miró
meu irmão do Recife
de Solano Trindade
de Ascenso Ferreira
de Manuel Bandeira

de João Cabral de Melo Neto
do meu amigo Lê Pê Correia
não esquecerei a Rainha Lia de Itamaracá

Miró
meu irmão de poesia e negrura
Èsù no ori
Èsú no corpo inteiro
a vida não vale nada ou quase nada sem amor
pão e poesia

Miró
meu irmão poeta encantador da gente
pássaros e serpentes
ai das tristezas do mundo
ai das felicidades do mundo
por isso fico descalço
nu de corpo e alma para falar com Deus

Miró
meu irmão das noitadas de poesia
de Olinda
da Várzea, no Bar do Bigode, em Recife
das Baladas Literárias de Teresina e São Paulo

Miró
meu irmão de Recife
Ésù da poesia em performance
não é preciso dizer q vc inspira e respira
o aço, o concreto, o céu, a vida, os poros
da Avenida Paulista
mais do que os milhões de paulistanas e
paulistanos juntos

Miró
Meu irmão da Muribeca
amanhã de manhã
vou comprar pão na padaria
e distribuir pão e poesia de amor para a gente
do Brasil q anda precisando do Carnaval e
folia
para voltar a ser feliz

Miró
meu amigo poeta de epifanias
você já disse antes coisas parecidas como
essas:
o dinheiro não compra as estrelas no céu
nem a luz da lua-cheia

nem o lugar no céu
tampouco o canto dos pássaros ao amanhecer
do dia

Miró

João Flávio Cordeiro da Silva
meu Irmãozinho da Muribeca
seja feliz ao lado de sua mãe

ÉLIO FERREIRA

MIRÓ POR ELE MESMO

minha poesia não é outra coisa a não ser o olhar. eu sou um fazedor de arte. janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar, ainda mais quando a viagem é longa. será se deus tem dúvidas? eu não deixo um poema para amanhã. faz dez anos que eu não amo ninguém. merece um tiro quem inventou a bala. sou + cronista que poeta. a poesia é a única coisa que eu tenho na minha vida. mãe, quando chove, é deus chorando? a vida é um ônibus. o amor pediu o uber e foi embora. a literatura me salvou. os dinossauros nunca souberam que o homem existiu. faz dez anos que não beijo uma mulher na boca. a minha doença é o álcool. minha poesia não precisa do aurélio pra ser entendida. eu escrevo sobre essas neuroses da rua. minha poesia não é só minha poesia, é meu corpo, minha performance. faz 35 anos que eu vivo só de poesia, não trabalho pra filho da puta nenhum. eu sou a fotografia da rua. mãe, quando eu

morrer, eu vou encontrar com deus? carlos drummond me salvou. a minha palavra é mais forte do que meu livro. tem gente que no bar fala demais e esquece de pagar a conta. faz dez anos que eu não durmo com uma pessoa. eu escrevo muito sobre o amor, a violência, a solidão humana. desculpa são paulo, eu gosto muito das tuas luzes, mas tem um ser humano largado na calçada, aí, nessa hora, o coração do poeta se apaga. todos os dias o ônibus de deus passa levando alguns. o que me alegra é saber que sou um negro, da periferia, que vivo da poesia hoje. quando eu falo, eu emociono. deus largado pelas ruas de recife, não sabe se dança frevo, ou vai atrás do maracatu. urinei na ponte e inundei a cidade. apesar dos efeitos colaterais, o amor é ainda o melhor remédio. fico olhando o mundo, não me sinto bem agora, agora sinto um desejo de não estar mais aqui. a saudade dói, e não há farmácia de plantão que resolva. existe abismo maior que cair no esquecimento?

WELLINGTON SOARES







ADRIANO LOBÃO ARAGÃO é escritor e professor de língua portuguesa do Instituto Federal do Piauí, campus Cocal. Trabalhou como assessor pedagógico da Editora Saraiva. Autor dos livros *Uns poemas* (1999), *Entrega a própria lança na rude batalha em que morra* (2005), *As cinzas as palavras* (2009), *Os intrépidos andarilhos e outras margens* (2012), *Destinerário* (2019), dentre outros. Em 2017, publicou *Os tempos e a forma*, poesia reunida, contendo os livros de poemas anteriores e inéditos. É um dos editores da revista *Desenredos* (www.desenredos.com.br).



RENATA FLÁVIA nasceu em mil novecentos e oitenta e nove em Teresina. Servidora pública, trabalha na biblioteca e atualmente estuda sobre elas. Tem publicado *Morada, te faço* (2020), *Lustre de Carne* (Moinhos, 2019) e *Mar Grave* (Moinhos, 2018).



SAMÁRIA ANDRADE é jornalista, doutora em Comunicação pela UnB (Universidade de Brasília), mestra em Comunicação pela UFPI (Universidade Federal do Piauí), professora e pesquisadora da UESPI (Universidade Estadual do Piauí), co-criadora da Revista Revestrés e colaboradora da Revista piauí.



JOÃO HENRIQUE VIEIRA (Teresina-PI)
Produtor Cultural Independente, Escritor e Jornalista (UESPI). Ex-presidente do Conselho de Cultura de Teresina (2020/2021), e ex-conselheiro titular do setorial Literatura (2020/2022). Publicou textos em revistas como Academia Onírica, Mallarmargens, Revista Garupa, jornal O Relevo e outros. É idealizador de projetos como Roda de Poesia Tensão, Tesão & Criação (Praça Pedro II), que reúne artistas e produtores culturais; Sarau Palavra em Torto Canto e Bloco de Carnaval Tensão, Tesão & Criação, entre outros.



FELICIANO BEZERRA é graduado em Letras pela UFPI, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Publicou o livro *A Escritura de Torquato Neto* (2004), além de ensaios em antologias acadêmicas e artigos em periódicos científicos e culturais. Atua nas áreas de semiótica, cultura, comunicação, literatura, cinema, poéticas e canção popular. É também cantor e compositor.



DUDU GALISA nasceu em Timon (MA) e é radicado em Teresina (PI) desde 2007. Estuda licenciatura em Filosofia na UFPI, é poeta e ativista cultural. Em 2019 venceu, em 1º lugar, o Concurso Novos Autores - Prêmio Cidade de Teresina, na categoria poesia, realizado pela Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, com o livro "OLHOS NA PENUMBRA".



SERGIA ALVES vive em Teresina-PI. Mestre em Letras/Literatura, Memória e Cultura, é acadêmica fundadora da Academia Piauiense de Cultura (APC). É autora dos livros: *Quatro Contos*, Editora Quimera (Teresina, 2018); *Adejo [Poemas]*, Editora Venas Abiertas (Belo Horizonte, 2019), Coleção I Mulherio das Letras; *Vale do Sossego*, Editora Reformatório (São Paulo, 2022). Sua produção literária (poemas e contos) também pode ser encontrada em revistas literárias, antologias e coletâneas diversas.



THIAGO E publicou recentemente "Os gatos quando os dias passam" (7Letras). Em parceria com Cid Campos, lançou o single "Povo país caos". Integrou a banda Validuaté, com a qual gravou, entre outros, o álbum "Alegria girar". Participou de várias antologias, "É agora como nunca", org. por Adriana Calcanhotto; "Sobre poesia, ainda", org. por Tarso de Melo; "Uma pausa na luta", org. por Manoel Ricardo de Lima.



NATHAN SOUSA (Teresina, 1973) é tecnólogo em Marketing, ficcionista, poeta, letrista e dramaturgo. É autor de 14 livros e de uma peça teatral. Venceu por 06 vezes os prêmios da União Brasileira de Escritores e o Prêmio Cidade de Manaus 2021. Foi finalista do prêmio Jabuti 2015 e do I Prêmio Internacional de Poesia Antônio Salvador.



FERNANDA PAZ é natural de Teresina, Piauí. Escritora, Artista Visual e Professora pós-graduada em Educação Infantil; Atuou em curtas-metragens e montagens teatrais; Produtora na empresa FragmentadoLab. Publicações: *O Buraco e Outras Histórias* (Editora Multifoco), *Antologia Transcultural de Poesia Feminina* (Org. Marleide Lins), *Blasfêneas: Elas Entre Poemas e Prosas* (Org. Francisco Carlos Pontes), *Olhos de vidro* (Editora Quimera), *Bloco de notas* (Área de Criação).



SALGADO MARANHÃO (José Salgado Santos) nasceu na Canabrava das Moças, município de Caxias, Maranhão. Filho da camponesa Raimunda Salgado dos Santos e do comerciante Moacy dos Santos Costa. Na adolescência emigrou com a família para Teresina (PI), onde iniciou sua vida literária. Publicou 19 livros de poemas (15 para adultos e 4 infantis) e ganhou vários prêmios nacionais. Entre os quais o Prêmio Jabuti (duas vezes) e o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Seus poemas têm traduções nos seguintes idiomas: inglês, francês, árabe, esperanto, italiano, japonês e espanhol. Além disso, Salgado Maranhão é também jornalista e compositor, tendo parcerias e gravações com Ivan Lins, Rosa Passos, Paulinho da Viola, Zeca Baleiro, Zé Américo Bastos, Herman Torres, Ney Matogrosso, Zizi Possi, Elba Ramalho, Domingos e Alcione, entre outros.



MARLEIDE LINS nasceu em São Paulo e reside em Teresina, onde foi agraciada com os Títulos de Cidadania teresinense e piauiense. Escritora e editora da AVANT GARDE EDIÇÕES. Membro-fundadora da ACAPP – Academia Piauiense de Poesia e da AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil/PI. Desenvolve projetos de pesquisa e registro editorial sobre a temática “Identidades e diversidade cultural”, em parceria com Instituições Brasileiras e Estrangeiras. Organizou várias publicações sobre literatura e gênero, em especial, a “I Antologia feminina de literatura piauiense: século XIX a contemporaneidade” e “A mulher na literatura latino-americana”, em parceria com Algemira Mendes. É a idealizadora da FLIQ (Feira do Livro Infantojuvenil e de Quadrinhos), do SALEM (Salão de Letras da Mulher) e da FLID (Feira da Diversidade). Entre outros, publicou os livros de poemas *Subvivo*, *Sem plano e sem piloto*, *Oito para ela*, *Plexo solar* e *Lirismo antropofágico* e outras iscas minimalista.



ELIO FERREIRA é piauiense de Floriano, professor doutor de literatura na UESPI. Na pré-adolescência, descobriu o prazer dos livros. Aos 17 anos, publicou os primeiros poemas no Jornal Tribuna do Sul, bem como a recitar os próprios versos em lugares públicos. Foi premiado em vários concursos de poesia falada e escrita, regional e nacional. Autor de vários livros, entre eles: *Canto sem viola* (1983), *Poemartelos, o ciclo do ferro* (1986), *O contra-lei* (1994), *América negra* (2004), *América negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014), *Alguns poemas* (2019) e *A Rolinha e a Raposa* (2022).



WELLINGTON SOARES é piauiense de Teresina, formado em Letras pela Ufpi e professor de linguagens no ensino médio. Foi o gosto pela leitura, despertado na infância, que o fez escritor. A estreia ocorreu em 1992, com *Linguagem dos sentidos*. Seus livros perpassam o conto e a crônica, entre eles destacam-se: *Por um triz*, *Um beijo na bunda*, *Maçã profanada*, *O dia em que quase namorei a Xuxa*, *Cu é lindo & outras histórias* e *Mimi, a cachorrinha*. É o curador da Balada Literária no Piauí e um dos editores da revista *Revestrés*.







LAMPARINA EDITORA
RUA CORONEL JOSÉ FIALHO, 6929
SALA 01, GURUPI, TERESINAPI
CEP 64091-130

Tipografia
More Pro / Glodok Display
Papel
Polén bold 90g/m²



ISBN 978-65-998812-2-0

LAMPARINA
EDITORA

fico olhando o mundo
não me sinto bem agora
agora sinto um
desejo
de não estar mais aqui

mas agora que aqui estou
suporto meus
54 quilos
e vários amores que se foram

a vida é um ônibus
vai levando você
o problema é em que parada
nós vamos descer

MIRÓ
poema do livro
O penúltimo olhar sobre as coisas
(Mariposa Cartonera)

Balada
LITERÁRIA
2022

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



CULTURA
Secretaria de Cultura do
Estado do Piauí / SECULT



APOIO

